

**Fernando Sabino e Clarice Lispector,  
amizade para além do princípio da fraternidade**

*Francine Carla de Salles Cunha Rojas*  
*Edgar César Nolasco*  
**Universidade Federal de Mato Grosso do Sul**  
**Brasil**

**I. – Amizade para além da metáfora familiar**

Com a primeira edição do livro de missivas *Cartas perto do coração* (2001) foi lançada uma luz sobre uma questão até então inexplorada, a amizade entre os escritores Fernando Sabino e Clarice Lispector. Isto porque, até então, a crítica literária brasileira reteve seu foco nas produções individuais dos escritores, sejam elas as crônicas, os contos ou os romances. Descobrimos então que a amizade dos dois era antiga e datava do início das respectivas carreiras de escritores, como atesta Sabino na introdução do livro: “Na última fase da vida de Clarice Lispector surgiram-lhe outras relações de amizade, mas a nossa foi das primeiras e mais intensas, desde o início de sua carreira literária” (SABINO, 2011, 07).

Munida desse fato, a publicação do livro de cartas, passo a ter a possibilidade de uma nova perspectiva de estudo, embasada pela crítica biográfica pós-ocidental a qual trabalha a relação vida e obra, tanto da via do “objeto” de estudo quando do crítico que se entrelaçam. Para tanto, de acordo com Eneida Maria de Souza, valemo-nos da ligação entre as vidas, mas de forma a não corroborar os binarismos próprios da Literatura Comparada tradicional:

ao processar a relação entre obra e vida dos escritores pela mediação de temas comuns, como a morte, a doença, o amor, o suicídio, a traição, o ódio, as relações familiares, como o tema dos irmãos inimigos, da busca do pai, da bastardia, do filho prodigo e assim por diante (SOUZA, 20).

Acrescento a esta plêiade elencada por Souza a amizade, posto que entendo que os dois amigos se valeram da amizade que um nutria pelo outro, para pensar seus respectivos projetos literários, estabelecendo, assim, a relação entre vida e obra.

Contudo, na qualidade de crítica biográfica pós-ocidental também engendro o diálogo entre *bios* e obra, tendo em vista que o componente que forja a ligação com os dois escritores é a amizade intermediada pela leitura do livro de cartas, dado que “Procurando os amigos, percorro seus escritos” (VINCENT-BUFFAULT, 17).

Ler as cartas dos amigos, Fernando e Clarice, é devassar a intimidade epistolar, e o ato de processar a relação entre obra e vida ressaltada por Souza direciona não no sentido de exercer a acepção literal do exercício comparativo, isto é, elencar valores e apontar o melhor e o pior de acordo com a perspectiva categorizadora do imaginário ocidental. Mas leva a pensar a amizade pelas diferenças que aparecem independentemente do que estabelece a *doxa* da amizade ocidental.

O objetivo ao erigir uma reflexão *a partir* da amizade dos dois é constatar como a mesma se constitui durante o período em que trocaram cartas, não que vá excluir das nossas articulações outros diálogos que Fernando e Clarice tiveram ao longo da vida, mas os abordarei conforme somem à perspectiva da amizade deles, aquela que se abre para a experimentação, conversas e discordâncias.

Um segundo objetivo gira em torno de desvincular a ideia do criador solitário, ou seja, partimos da ideia de que Fernando e Clarice escreveram levando em consideração as mutuas opiniões sobre seus escritos, por conseguinte, participavam mutuamente dos respectivos processos de criação, pois “A verdadeira criação é um ato de orgia” (SABINO *apud* BLOCH. *Fernando Sabino*, 2000, 73) que considera o outro como parte relevante de tal desenvolvimento. No artigo “Amizade: o vale quanto pesa da literatura”, a autora MA rechaça essa aura de escritor enquanto participe único de um ato solitário de criação artística:

Não se trata, entretanto, de assumir um tom nostálgico, mas de avaliarmos criticamente o papel da amizade nos desenhos da nossa vida literária no século 20 e nos afastarmos cada vez mais da ideia do criador solitário, em busca de reconhecer o desenvolvimento compartilhado de cada carreira de escritor (ÁVILA, 75).

Ao entender que a amizade é um espaço que propícia o embate de opiniões e considerações nos colocamos na contramão de uma percepção que vê o amigo como

irmão. Tal leitura fraternal não consegue dialogar com as diferenças apresentadas pelos dois escritores.

Na esteira desse objetivo, segue o de investigar como e em que medida os amigos se valeram dessa amizade para pensarem seus respectivos projetos literários. Se falamos como e em que medida é por acreditar que eles se valeram, sim, da relação para pensar em suas produções e posições literárias. Lembramos o fato de que Fernando ao criar, junto com Rubem Braga, a editora Sabiá, publicou vários livros da amiga e os seus. Uma das cartas de Clarice, a de 14 de agosto de 1946, na qual comenta o livro *Movimentos simulados* (que foi publicado somente em 2004), de Fernando, é bastante esclarecedora nesse sentido:

Trabalhe bastante Fernando, dê um “tempo” largo aos movimentos simulados. O personagem é corajoso? (não sei como dizer o que quero dizer sob a palavra “corajoso”). Gostaria que ele fosse. Vou copiar para você o pedaço em que você me dá uma ideia do sentido de movimentos simulados (LISPECTOR, 2011, 49).

O fato dos amigos se valerem da amizade para pensar e concretizar projetos na área da literatura não reduz a amizade de Fernando e Clarice a uma relação que está embasada unicamente na política do favor, não é essa a ideia que propomos. Reduzir a amizade somente ao jogo de interesses é desconsiderar a participação relevante do afeto na relação, o que se percebe, portanto, a partir da amizade dos escritores é união entre os dois polos, interesse e afeto, verdade que nem sempre harmônica.

Na verdade não se trata de pensar em separado ambas as questões, o favor (interesses) e o afeto (recordemo-nos que etimologicamente amizade provém da palavra amor), a saída está em articular as duas considerações e perceber como se constrói a relação entre elas. A fim de pensar tal proposição e procurar caminhos epistemológicos *outros*, que ao contrário de excluir por meio de categorias e reduções, é que o suporte teórico do artigo diz respeito a crítica biográfica pós-ocidental.

Tal pensamento crítico fornece o pressuposto do elo vida e obra que embasa a reflexão teórico-crítica *a partir dos* elementos extra-textos-literários. As vidas e obras as quais me refiro são a dos escritores e a da arconte.

Muito embora a amizade não seja um conceito próprio da crítica biográfica pós-ocidental é muitas vezes utilizado por ela para: “[...] enlaçar as múltiplas paixões que regem tanto a vida quanto a literatura” (SOUZA, 2011, 13). Na verdade, a amizade passeia por diversos campos do conhecimento, sendo geralmente “objeto” de estudo da filosofia, teologia, psicologia, sociologia, letras, e cada uma das áreas citadas possui enfoque diferente em relação ao assunto, em suma, por exemplo, se na teologia prepondera a visão da amizade dos homens com Deus, na psicologia o enfoque reside na construção da amizade, bem como em suas práticas, e no impacto que a mesma exerce dentro de um grupo de pessoas, já no campo das letras a perspectiva repousa na amizade entre escritores e em como a mesma influência nas produções literárias.

Não obstante a ampla plêiade de autores, o recorte crítico desta carta reside no meu diálogo principalmente com dois pensadores: Jacques Derrida e Francisco Ortega, autores respectivamente das obras *Políticas da amizade* (2003) e *Amizade e estética da existência em Foucault* (1999), *Para uma política da amizade* (2000) e *Genealogias da amizade* (2002).

Fazer da amizade, mais precisamente da amizade de Fernando Sabino e Clarice Lispector é também me valer das *razões do coração*, para desenvolver minha articulação crítica. As *razões do coração* são, como o nome indica, nas palavras de ECN (2010):

das razões dos corações, destacamos a escolha pessoal, as imagens, as amizades pessoais, a escolha, a dívida, a transferência, a herança, a recepção, a vida, as paixões, o arquivo, a morte, a experiência, as leituras, as bibliotecas, as viagens, os familiares, as fotografias, os depoimentos etc (NOLASCO, 2010, 36).

Escolhas pessoais, imagens, ao passo que estas residem na escolha específica por parte do sujeito que necessita retratar algo ou alguém, em suma, como indica Nolasco no texto, *razões do coração* são tudo aquilo que não sendo de natureza essencialmente material, objetiva, palpável, econômica é o que toca mais fundo no sujeito ao ponto em que este se vê impelido a buscar o encontro com o que causa a sua perturbação, a qual é suscitada pelo que é denominado como *Mal de arquivo*.

Mas, ao mesmo tempo em que, enquanto pesquisadora, valho-me das razões de cunho mais afetivo para minhas escolhas intelectuais, percebo que Fernando e Clarice igualmente faziam suas respectivas escolhas, sejam elas do âmbito mais pessoal, como as amizades, sejam as escolhas literárias e profissionais, muitas vezes embasadas pelas *razões do coração*.

Na verdade, o que está por trás de nossas escolhas são o que nos afeta, o que nos toca, tanto o que nos agrada quanto o que desagrada, o que nos atinge, aquilo que nos desperta algum tipo de reação que a paixão denomina amor ou ódio, mas que diz respeito aos dois. Posto que minha relação de amizade com Fernando e Clarice é um composto do qual participam mistos de conflitos, concordâncias, indagações, perturbações.

O princípio desse pressuposto está embasado em uma certa liberdade direcionada que o amigo tem na escolha de um companheiro e que em um primeiro momento ocorre devido a aproximação mediada pela semelhança, mas que não adquire um compromisso permanente com ela. Essa liberdade de concordar e de discordar do amigo, enfim, de conversar, foi amplamente utilizada por Fernando e Clarice. Na introdução de *Cartas perto do coração* o escritor mineiro já demonstra os frutos desse profícuo interlúdio:

Trocávamos ideias sobre tudo. Submetíamos nossos trabalhos um ao outro. Juntos reformulávamos nossos valores e descobríamos o mundo, ébrios de mocidade, era mais do que a paixão pela literatura, ou de um pelo outro, não formulada, que unia dois jovens ‘perto do coração selvagem da vida’: o que transparece em nossas cartas é uma espécie de pacto secreto entre nós dois, solidários ante o enigma que o futuro reservava para o nosso destino de escritores (SABINO, 2011, 08).

Posto que buscamos engendrar uma discussão em torno do que se entende por amizade para melhor pensar *a partir de* Sabino e Lispector, necessitamos apontar que, conforme mencionei logo acima, a discordância, a discussão, e acrescento agora os “favores” solicitados, são fatos rechaçados por uma dada concepção de amizade designada como amizade fraternal, encabeçada principalmente por filósofos ocidentais como Montaigne e mais anteriormente Cícero.

Dizemos rechaçadas, pois a amizade fraterna elege como representante o amigo-irmão com quem mantenho relação simétrica, por conseguinte, igualitária, uma

vez que ele é igual a mim, um eu, mas em outra pessoa. Entendo, até aqui, que o objetivo da fraternidade é neutralizar o amigo como o representante da diferença. Em seu *Políticas da amizade* (2003), Derrida igualmente expõe que a fratriarquia: “[...] pode *compreender* os primos e as irmãs mas, vê-lo-emos, compreender pode também querer dizer neutralizar. Compreender pode mandar esquecer [...]” (DERRIDA, 11).

Compreender o amigo, o irmão, a irmã, até mesmo o primo, na esteira de Derrida, é esquecer algo como as especificidades de cada indivíduo, o que os torna diferentes, aquilo que não se encontra em outro, para que assim possa chamá-lo de amigo-irmão e torná-lo um espelho, um mero reflexo de si mesmo.

Está por trás dessa ideia de fratriarquia o princípio democrático de igualdade já proposto pela filosofia Aristotélica. Em *Para uma política da amizade* (2000), FO rememora a herança delegada à amizade por Aristóteles:

O amigo aparece nos discursos da amizade na figura do irmão. A amizade democrática constitui-se a partir de Aristóteles – que iguala a amizade entre irmãos à democracia – como um processo de fraternização: a amizade é, em princípio, democrática por ser fraternal (ORTEGA, 2000, 60).

Esse modelo de amizade ocidental clássico está embasado em um manual de conduta moral, no qual o verdadeiro amigo é aquele que é um outro eu. Nota-se uma compreensão da amizade, da alteridade e da figura do amigo como um espelho, um reflexo, e que por isso não exigiria favores ou faria pedidos incorrendo no desnivelamento da simetria, afinal seria possível exigir de si mesmo favores e realizar cobranças?. Trata-se de excluir a possibilidade de mentira, seguir um código moral tido como “digno” e não acarretar para si e nem para o outro o dever ou a prestação de algum favor gerado pela dívida, pois, de acordo com essa lógica, assim que se extinguíssem a mutua necessidade a amizade findaria.

Em contrapartida, no livro *Políticas da amizade* (2003), Derrida vai ressaltar a desproporção na amizade, bem como o favor e a utilidade como elementos que compõem o âmbito da relação entre amigos:

A boa amizade supõe a desproporção. Exige uma certa ruptura de reciprocidade ou de igualdade, e também a interrupção de toda a fusão ou confusão entre tu e eu. E significa ao mesmo tempo um divórcio com o amor, seja ele o amor de si. As

quantas linhas que definem esta boa amizade não se distingue da má senão ao escapar a tudo quanto se acreditou reconhecer sobre nome de amizade. Como se se tratasse ali de uma simples homonímia. A boa amizade nasce da desproporção [...] (DERRIDA, 2003, 74).

Saliento que o que Derrida propõe acima, como amizade, passa também por considerar que um mesmo ser é a morada de duas figuras que de acordo com a *doxa* da amizade são incompatíveis: o amigo e o inimigo. Que melhor forma, penso, existe para alcançar a desproporção do que a experiência da inimidade na amizade?

Fernando torna-se o *inimigo-amigo* de Clarice e ela a *inimiga-amiga* de Sabino quando discordam um do outro, novamente a *doxa* poderia apelar questionando: o inimigo não seria aquele que lança mão dos mais variados artificios, até mesmo romanescos para *prejudicar* o outro?.

Palavra-chave em destaque: *prejudicar*. Respondo: Fernando em momento algum, nas cartas enviadas para a amiga, quando desta discordou, o fez de modo inconsequente e superficial com pretensão de fazer a crítica pela crítica, Clarice idem, de modo que penso na esteira de Derrida:

Os dois conceitos (amigo/inimigo) cruzam-se então e não deixam mais de se permutarem. Entrelaçam-se, como se se amassem um ao outro, ao longo de uma hipérbole em espiral: o inimigo declarado [...], o inimigo verdadeiro, eis um melhor amigo que o amigo. Por que se ele pode odiar-me ou guerrear-me em nome da amizade, se ele respeita em suma o verdadeiro nome da amizade, respeitará o meu próprio nome (DERRIDA, 2003, 83 - 84).

A partir disso, o que propõe Derrida é considerar que a figura do amigo e a do inimigo não são impensáveis em conjunto. Pelo contrário, o filósofo avança a discussão crítica em torno da amizade quando aglomera em um mesmo sujeito as duas figuras, está por trás dessa proposição a saída para a complacência que embasa o fraternalismo, pois o mesmo é a anulação das diferenças, e, portanto, do político na amizade.

Fernando e Clarice já assinalavam, assumiam e exerciam em suas cartas essa percepção outra do amigo, e além das cartas trocadas entre eles, o *inimigo-amigo* aparece em outros textos, como na coluna “Pra que servem os amigos”, de 20 de julho

de 1960, do jornal *Correio do amanhã*. Na coluna Clarice considera que: “Grande coisa, importante coisa é ter um amigo. Desses que tem a serena autoridade de divergir de opinião emitida sem que haja choque, sem que haja orgulhos feridos [...]” (LISPECTOR, 2006, 67), novamente, tal dupla figura aparece em um outro livro de cartas de Clarice, o *Minhas queridas* (2007), quando a escritora explicita que: “[...] faz parte do ser amigo ter também o direito de se irritar e de se chatear às vezes: quando isso nunca acontece é porque a pessoa não está à vontade” (LISPECTOR, 2007, 269).

De forma contrária, por sua vez, o filósofo clássico romano Cícero, exemplarmente, retrata as considerações do modelo de amizade fraternal no diálogo filosófico “Lélio ou da amizade”, inserido no seu *Da amizade*, no qual expõe que: “Ora, na amizade não há simulação nem fingimento algum: a amizade é tudo aquilo que é verdadeiro e voluntário [...] Penso, pois, ser a natureza e não a indigência a fonte de amizade [...]” (CÍCERO, 39).

Da mesma forma, Michel de Montaigne reafirma a herança fraternal quando corrobora as considerações ciceronianas em *Sobre a amizade* (2011), capítulo à parte de seus *Ensaio*s. O filósofo francês discorre que a amizade perfeita: “acaba com a exigência de tais deveres, leva-os a odiar e expulsar da relação as palavras de divisão e diferença, como favores, obrigações, gratidão, pedido, agradecimento e seus semelhantes” (MONTAIGNE, 35).

A filosofia Clássico-Occidental, da qual fazem parte Montaigne e Cícero, é pródiga em fundar a tradição da amizade que origina o fraternalismo. Ressalvamos que embora o filósofo francês, de acordo com Ortega, dissocie a amizade da família, sua leitura foi concebida mediante as considerações Aristotélicas que aliam o amigo ao irmão e, embora critique a falta de liberdade na amizade familiar, concomitantemente expõe que:

Tudo é genuinamente comum aos dois: suas vontades, pensamentos, julgamentos, bens, mulheres, crianças, honra e vida, e sua correspondência é a de uma alma em dois corpos, de acordo com a ótima definição de Aristóteles. Assim, eles não podem nem emprestar nem dar nada um ao outro (MONTAIGNE, 35 - 36).



Tencionamos relacionar a fala de Montaigne com o modelo fraternal, mesmo que o filósofo francês queira se desvincular do modelo familiar por acreditar na falta de liberdade, pois enxergo uma similaridade entre as concepções. Ao desconsiderar as diferenças em detrimento das semelhanças, Michel de Montaigne corrobora o modelo fraternal. As proposições de Francisco Ortega são esclarecedoras nesse momento, pois através delas posso transpor a fala de Montaigne atrelando-a à amizade fraternal, visto que para o filósofo espanhol o autor de *Ensaïos* incorre em contradição: “Montaigne está tão imerso na tradição familialista da amizade que não parece perceber a contradição, o paradoxo na sua argumentação. O amigo aparece sempre como o irmão; no fundo as relações de amizade são pensadas como fraternais” (ORTEGA, 2002, 100).

A origem desta amizade fraternal, na qual se deteve Montaigne, Cícero e a filosofia clássica ocidental, em geral, é esclarecida por Francisco Ortega ao explanar que a gênese do fraternalismo reside em sua propagação como uma estratégia discursiva de um regime universalista. Seu objetivo visa excluir todos os seres humanos que não pertençam a uma mesma religião, “raça” ou nação.

O pensamento anterior relacionado a amizade se faz valer da política da identidade tendo em vista que a mesma se: “[...] baseia na suposição de que as identidades são aspectos essenciais dos indivíduos, que podem levar à intolerância, e de que nas políticas identitárias posições fundamentalistas são sempre um perigo” (MIGNOLO, 2008, 289).

Ironicamente, a estratégia universal do fraternalismo não era tão igualitária como se pretendia, raciocínio que conduz a afirmação mencionada pelo próprio Ortega: “Somente meus irmãos são homens, os demais são animais ou feras” (ORTEGA, 2000, 65). Tal concepção universalista de um determinado viés da amizade tenciona unificar as identidades, incorrendo em uma política identitária dominante que assim se apresenta, de acordo com Walter Mignolo: “[...] a política identitária dominante [...] se manifesta [...] através de conceitos universais abstratos como ciência, filosofia, Cristianismo, liberalismo, Marxismo e assim por diante” (MIGNOLO, 2003, 289).

A amizade de Fernando e Clarice, na linha de raciocínio de Montaigne e do fraterno, seria algo como “uma falsa amizade”, ou ainda, uma amizade inexistente, fundada em base não solidificada por valores tidos como morais e dignos.

Felizmente, Fernando e Clarice escapam espertamente ao alcance dessa perspectiva justamente por ser uma relação de amigos dispares que discordavam entre si e de outros, debatiam entre si, mas que submetiam seus respectivos trabalhos aos olhares do amigo, pois se a amizade, como propõe Montaigne, exclui as palavras de diferença (discordância, embate, desafio) a relação entre os escritores seria exclusivamente de dívidas e favores mútuos, não sendo possível o afeto e os conselhos que os escritores trocavam entre si.

A perspectiva fraternalista, devido a sua proposta de identidade universal, não pensa as diferenças que compõem a amizade de Fernando e Clarice muito menos a amizade metafórica construída que inclui a participação efetiva da pesquisadora, a crítica biográfica pós-ocidental, considerando-se que o modelo de fraternidade é um produto do imaginário do mundo colonial/moderno.

Imaginário este que separa a teoria da prática, o sujeito de seu “objeto”, reafirmando a ideia de dualismos e comparações. Em contrapartida, a crítica biografia pós-ocidental visa justamente diluir a fronteira entre o sujeito crítico e as formas de saber *a partir* da inserção do *bios*, do pesquisador e do “objeto”, e das histórias locais que compõem esse mesmo *bios*.

O imaginário colonial ocidental/moderno faz suas aproximações com o princípio nas semelhanças apresentadas entre pares e não leva em consideração os traços distintos, idiossincráticos e que, claramente existindo, individualizam o sujeito rechaçando a ideia universal de que somos todos iguais e que estamos reunidos sob a aura da irmandade universal.

Por outro lado, ao considerar a amizade como uma relação aberta à experimentação, ao desafio, à deslocação, à discordância, escolho falar a partir de uma ideia *outra*, como explana Ortega: “[...] de multiplicidade, intensidade, experimentação, desterritorialização” (ORTEGA, 199, 157). Multiplicidade, porque reúne em um mesmo ciclo vários amigos, intensidade e experimentação, pois trata-se de uma relação que escapa as formas de se relacionar abalizadas pelo imaginário ocidental, e afinal, desterritorialização, visto que a amizade está sendo revisitada e deslocada de seu território tido como “específico”, a fraternidade.

A partir do momento em que as diferenças que constituem a amizade de Fernando e Clarice são levadas em consideração, emerge uma aproximação entre amigos que não ocorre tão somente pelas semelhanças, apesar, devo lembrar de que as mesmas são importantes para o seu início, mas ao longo da amizade elas devem coexistir com as diferenças.

A aproximação entre amigos, da qual me valho neste conjunto de cartas, está embasada pela proposição de Walter Mignolo, no já citado *Histórias locais/projetos globais* (2003), de *semelhanças-nas-diferenças*, isto é, uma aproximação feita pelas diferenças apresentadas de ideias e opiniões entre os amigos, pois, afinal, um elo outro que une as pessoas parte do raciocínio de que todos possuem traços distintivos que permitem se identificar enquanto sujeitos únicos.

Ressalvadas as diferenças entre o que discute Mignolo, pois não está pensando na questão da amizade em seu livro, e o que discuto neste trabalho, as considerações do crítico me auxiliam a pensar a amizade fraternal como a concretização do que propõe as *semelhanças e diferenças*, sendo a amizade da discordância nascida a partir das *semelhanças-nas-diferenças*. Sobre essa relação entre a ideia dualista e categorizadora e a sua, o teórico argentino discorre que:

Enquanto a noção de semelhança-e-diferença constitui o arcabouço conceitual dentro do qual se construiu a própria ideia de civilização ocidental (relegando as diferenças aos bárbaros, selvagens, canibais primitivos, subdesenvolvidos etc), a ideia de semelhanças-nas-diferenças evoca a recolocação de línguas, povos e culturas cujas diferenças são examinadas não numa direção única [...], mas em todas as direções e temporalidades regionais possíveis (MIGNOLO, 2003, 278).

Ao me valer da leitura proporcionada pelo conceito de *semelhanças e diferenças*, para assim pensar o modelo fraternal, quero destacar duas questões: a primeira é explicar que o modelo fraternal está firmado nas semelhanças, e não nas diferenças, sumariamente descartando-as. A segunda questão diz respeito a que uma tal conduta originada pelo ocidentalismo, o amigo como irmão, é produto do que Walter Mignolo vai denominar como “conhecimento ocidental”. Desta forma o teórico entende que:

Assim, por conhecimento ocidental e razão imperial/ colonial compreendo o conhecimento que foi construído nos fundamentos das línguas grega e latina e das seis línguas

imperiais européias (também chamadas de vernáculas) e não o árabe, o mandarim, o aymara ou bengali, por exemplo (MIGNOLO, 2008, 290).

O conhecimento ocidental nega o direito às diferenças que é intrínseca a concepção de amizade com a qual diálogo, visto que as formas de relacionamento humano são permeadas de inconstâncias e assimetrias, posto que existem, mesmo que mascaradas, as discordâncias entre amigos. Contudo, o fato de negar o direito de existência não significa que as diferenças serão anuladas e, por conseguinte, deixarão de existir. É para me desvencilhar desse pensamento que evoco a alternativa oferecida por Ortega quando este explana que: “Somente um deslocamento da ideologia familialista pode promover a variedade, a experimentação de formas de vida e de comunidade, e a multiplicidade de escolhas” (ORTEGA, 2002, 160 - 161).

Em uma relação de amizade aberta à experimentação é inevitável a divergência de opiniões resultantes de pensamentos que se diferenciam entre si. Portanto, cabe aos amigos saber articular esse embate dentro do universo que constitui a amizade, de modo que o diálogo seja cada vez mais fortalecido. Essa diferença constituída a partir da discordância é reforçada pela assimetria na relação, posto que quando amigos discordam um do outro é porque os mesmos já não são “iguais” entre si, aliás nunca o foram, mesmo que exista a insistência de um modelo em estaque.

A força da assimetria entre amigos é corroborada por Ortega quando explicita que: “Ao contrário dos discursos tradicionais da amizade, que usam a assimetria e a irreciprocidade para afirmar a identidade, o mesmo, a assimetria serve aqui para realçar a alteridade, o cuidado do outro, a diferença” (ORTEGA, 2000, 81) e, acrescento, que ela é relevante para pensar *a partir da* amizade de Fernando e Clarice que a percebem e a abordam nas cartas.

Em carta de janeiro de 1957, Fernando reconhece a maturidade de Clarice, maturidade essa que ele não vê em si mesmo: “Nada melhor você poderia dizer do que descobrir afinidade entre meu livro e o seu. Ela existe, mas você está a léguas de distância na minha frente em maturidade” (SABINO, 2011, 179). Assim como na carta de 29 de janeiro de 1969 em que Fernando externaliza sua admiração com o livro *Uma*

*aprendizagem ou o livro dos prazeres* (1969), lançado, aliás, pela editora de Sabino, a Sabiá:

Clarice, são 3 e 5 da manhã e acabo de ler seu livro há cinco minutos. Li-o desde meia noite e vinte, de uma só vez, sem interromper um segundo, e te escrevo ainda sob a parte mais grossa da emoção da leitura. Não anotei nada, não tenho nada a sugerir. Estou atordoado. Eu não mereço mais ser seu leitor. Você foi longe demais para mim (SABINO, 2011, 191).

Ao falar para a amiga Clarice que esta possui uma maturidade que ele, como escritor, não tem, mas deseja, Fernando estabelece uma diferença para com Lispector. Se, na esteira de Ortega, a assimetria reforça a diferença, Sabino estabelece então uma amizade assimétrica com a escritora.

Reforço que a ideia que desenvolvo não passa pelo campo do estabelecimento de juízo de valor a fim definir, de modo pretensioso, quem é melhor escritor. Uma vez reconhecida, a diferença possibilita que os amigos discordem um do outro como parte intrínseca de uma relação humana e crítica, tal palavra aqui aparece em sua melhor acepção.

Entre os motivos que suscitaram as diferenças e as discordâncias de Fernando e Clarice, durante o período em que trocaram cartas, está a literatura de ambos. Ao afirmar no início deste texto que os dois se valeram da amizade para pensar seus projetos literários percebia que era uma prática comum que cada um enviasse para o outro, datiloscritos, de seus contos, romances e crônicas.

Evoco o momento em que Clarice pede para Fernando que este leia e comente o livro *A maçã no escuro* (1961), conhecido inicialmente como *A veia no pulso*. Ao fazer esse pedido, Lispector dá início a uma situação que, em pouco tempo, se transforma em contenda. Em seu livro *O tabuleiro de damas* (1988), Fernando recorda o episódio mencionando que:

Nos originais que ela me enviou de Washington, onde passou a morar, do romance *A maçã no escuro*, título que sugeri – ia se chamar *A veia no pulso* –, fiz 304 sugestões. Ela aceitou praticamente todas. Acabei sendo eu próprio seu editor, com Rubem Braga, na Editora do autor e na Editora Sabiá (SABINO, 1988, 127 - 128).

Atendendo ao pedido da amiga, Fernando lê o datiloscrito e fez os apontamentos que julgou necessários, em um total de 304 sugestões e comentários, e, entre uma delas, vale destacar o título que de *A veia no pulso* (1961) transformou-se em *A maçã no escuro*. A sugestão fora feita, pois Fernando achara o título: “[...] pouco eufônico. Soou mal a todo mundo que falei, por causa de “aveia”. Qualquer dos títulos das três partes, para o meu gosto pessoal, é melhor [...] Com um pouco de esforço se encontraria no próprio livro título [...] que o exprimisse” (SABINO, 2011, 142).

Após certo tempo, Clarice aceita as correções do amigo e manda o manuscrito de volta para que Sabino enviasse para Ênio da Silveira, representante da editora Civilização Brasileira. Entretanto, Sabino constata que a amiga adotou praticamente todas as sugestões feitas. Em carta de janeiro de 1957, o escritor comenta que está consternado: “Ps: Fiquei constrangido de você ter aceito todas as minhas sugestões, ao pé da letra, sem maior discussão. Fiz as correções, mas, francamente não precisava de tamanha violência” (SABINO, 2011, 181).

Ao que Clarice responde se defendendo ao mesmo tempo em que explica ao amigo que de fato ocorreu um diálogo, mas um diálogo interno cujo resultado foi a constatação de que os apontamentos feitos por Fernando eram justos e coerentes: Sobre o seu P.S., a respeito de eu ter aceito todas as suas sugestões ao pé da letra, sem maior discussão. Tive, sim, discussão interna, e via quase sempre o seu ponto de vista, e também concordava. O que eu não sabia era separar em mim o que era julgamento ou avaliação, do que era teimosia minha. Não sei se no decorrer do nosso conhecimento mútuo você notou [...] quanto sou teimosia. Minha atitude mais frequente é a de resistir, mesmo irracionalmente. Tendo chegado à conclusão de que suas anotações eram certas, consegui vencer minha teimosia e aceitei-as. O que mais demorei a aceitar foi cortar o que você chamou de “prefácio” – mas acho que você teve razão. Eu tinha um certo apego a ele, por questões líricas. Mas acho melhor o modo como ficou, transpondo as frases mais indispensáveis do “prefácio” para outros lugares (SABINO, 2011, 185).

É dessa disposição em se deixar questionar, em discordar do amigo, que se constitui a amizade de Fernando e Clarice e que a amizade fraternal, enquanto a procura de si no outro, em busca somente das semelhanças, não se sustenta teoricamente, posto

que implica em uma ação de hospitalidade, mas o outro devendo obedecer e se adequar às leis aos do dono da casa, em outras palavras, às leis do amigo-hóspede.

Nesse sentido, não haveria espaço para as diferenças, aquelas ressaltadas por Ortega, o amigo seria então o eu em um outro, nessa dada concepção da amizade e de hospitalidade o ponto de partida é a familiaridade, o que me é conhecido e compõe a esfera cíclica de minha vida. Mas a partir do momento em que o outro adentra, o outro aqui compreendido em sua diferença, tal situação é alterada.

O crítico Evando Nascimento, ao entrevistar Jacques Derrida, em “A solidariedade dos seres vivos” (2001) para a Folha de São Paulo, discorre inicialmente sobre alguns dos temas que o filósofo franco-argelino vinha se debruçando, dentre eles, os já mencionados, amizade e hospitalidade.

Na proposta de Derrida, resalta Nascimento, a hospitalidade deveria se pautar pelo conhecimento proporcionado pelo contato com o que é heterogêneo, assim como pela aceitação do outro em sua diferença; da mesma forma, ao pensar *a partir da* amizade Fernando e Clarice, cresço mais criticamente se considero as opiniões outras que a “boa” amizade acarreta. De acordo com Nascimento:

Na amizade e na hospitalidade incondicionais está implicada a acolhida do outro enquanto outro. Se no Ocidente se concebeu que a lei da hospitalidade determina a submissão do estrangeiro às leis da casa, para Derrida, a hospitalidade incondicional deveria se pautar não só pela aceitação da diferença (social, cultural, moral) do outro, mas sobretudo pelo aprendizado que o contato com o desconhecido proporciona (NASCIMENTO, 2001, 01).

O que marca esse processo de transição entre a amizade fraternal para a amizade, do que posso designar como embate, é o que Walter Mignolo vai nomear como o processo de *aprender a desaprender*. Em outras palavras, o sujeito crítico biográfico pós-ocidental pensa a amizade não como o eco do que já foi dito (amizade fraternal), mas a descategoriza quando a desloca de sua *doxa*, para que assim emergja uma forma outra de amizade, entendida, na diferença, como a relação em que inimigo e amigo assinalam sua presença na mesma pessoa.

Nesse seguimento teórico, a amizade adquire novas formas, e transgride o estabelecimento de fronteiras como a relação com o outro originada pelo modelo fraternal, para a alteridade exterior que pensa o sujeito e sua diferença.

## II. - O(s) eu(s) e o(s) outro(s): a experiência da alteridade

Saudade é um pouco como fome. Só passa quando se come a presença. Mas às vezes a saudade é tão profunda que a presença é pouco: quer-se absorver a outra pessoa toda. Essa vontade de um ser o outro para uma unificação inteira é um dos sentimentos mais urgentes que se tem na vida (LISPECTOR, 2010, 141).

A epígrafe retirada do *Crônicas para jovens* (2010), que reúne crônicas escritas por Clarice Lispector, ao longo de sua carreira sob as temáticas amor e amizade, é de uma crônica cujo nome “Saudade” já é por si só um convite ao pensar.

O texto explicita a relação da alteridade com a amizade a partir de um processo metaforizado que a autora denomina de incorporação do outro, sendo que tal incorporação denota o sentido de abarcar o outro com a finalidade de suprimir a saudade.

Nesse sentido, tal processo contempla a necessidade que o amigo tem do outro, sendo este a parte necessária para a travessia cuja finalidade reside no encontro de si mesmo. Sabino, assim como Clarice, também se atenta para a questão da alteridade, principalmente quando reconhece e admite para a amiga que sente inveja dela, pois Clarice, de acordo com o escritor mineiro, apresenta qualidades que ele, como escritor, gostaria de ter. Em carta de 06 de julho de 1946, quando residia em Nova York, o escritor confessa que: “Te respeito, admiro e invejo. Frágil, frágil feito uma coisa. Invejo tanto como um sujeito que vi na Broadway” (SABINO, 2011, 26).

Vejo que essa questão, tão relevante, a alteridade, além de aparecer nas cartas, aparece, igualmente, no livro *O encontro marcado* (1956), onde a epígrafe reproduzida por Sabino é o trecho de uma carta escrita e endereçada para ele por um amigo em comum com Clarice, o escritor mineiro Hélio Pellegrino. De acordo com a carta:

Acontece, entretanto, que nascemos para o encontro com o outro, e não o seu domínio. Encontrá-lo é perdê-lo, é contempla-lo na sua libérrima existência, é respeitá-lo e amá-lo na sua total e gratuita inutilidade. O começo da sabedoria consiste em perceber



que temos e teremos as mãos vazias, na medida em que tenhamos ganho ou pretendemos ganhar o mundo. Neste momento, a solidão nos atravessa como um dardo (PELLEGRINO *apud* SABINO, 2010, 07).

O que tem em comum o trecho da crônica “Saudade” e a carta de seu amigo Hélio, que Fernando reproduz como epígrafe de seu livro? Elas têm em comum o fato de que ressaltam a procura do amigo em se completar a partir do outro, mas a procura empreendida já está, desde seu início, fadada a um não-fim, ao (des)encontro.

Ambos os trechos frisam a relevância, para a amizade, em se considerar, isto é, reconhecer, a alteridade exterior, pois, conforme LGL: “A relação com o outro está baseada na invenção [...] de si mesmo. Ao me olhar no outro, ao me reconhecer na diferença do outro, me transformo [...] e esse é um movimento constante que uma rede de amizades não cessa de efetuar” (LOPONTE, 113).

Para Fernando e Clarice, a amizade proporcionou o espaço de reinvenção de si a partir do outro, na esteira da fala de Loponte, os amigos buscam a completude quando do momento em que reconhecem no outro a diferença, aquilo que gostariam de ter e almejam para si.

Em carta de 27 de julho de 1947, Fernando comenta com a amiga a leitura que realizou de uma carta que Clarice escreveu sobre o escritor tcheco Franz Kafka. No comentário, Sabino demonstra sua admiração e o reconhecimento de que Clarice expressou ideias que ele, julgando a si mesmo, não conseguiria demonstrar: “Não se preocupe com a carta sobre o Kafka escrita ao Araújo: li-a, e achei excelente, como inteligência, o que você diz, que é exatamente o que eu nunca tinha pensado e se pensasse não acharia jeito de me exprimir” (SABINO, 2011, 84).

Sobre o assunto, a relação de alteridade exterior na amizade, OGJ considera que: “[...] se é verdade que, enquanto homens do conhecimento, somos de nós mesmos desconhecidos, então como é que podemos nos encontrar face a face conosco mesmos, senão por intermédio da alteridade?” (JÚNIOR, 13), as duas falas, a de Giacóia Júnior e a de Loponte, se assemelham ao ressaltar a importância da alteridade para se pensar a forma de se relacionar com o outro e consigo mesmo, daí pensar que: “[...] o verdadeiro

de si nunca é integral e acabado, mas em transito permanente pela escada das autossuperações que o bom amigo consegue ser para nós” (JÚNIOR, 15).

No caso da carta de Pellegrino para Fernando, salta aos olhos do leitor que a busca pela completude do sujeito existe, como também existe a consciência de que se trata de um empreendimento sem fim. As visões acerca da alteridade, Clarice falando a partir da saudade e Pellegrino se dirigindo ao amigo, se complementam a medida que ambas as falas, seja nas entrelinhas ou de forma mais explicita, propõem que a saudade, no caso de Clarice, e a solidão, no caso da carta de Hélio, resultam do desejo de que o outro se faça, de alguma forma, presente em sua ausência.

O desejo do sujeito de se completar na amizade pressupõe, de modo bastante razoável e lógico, que o amigo tenha a consciência de que algo lhe falta, seja uma qualidade que deseja ou alguma outra espécie de característica que almeje e que o outro, o amigo, tenha. Essa, que vamos denominar como característica faltante, marca a distância e a diferença entre os amigos, diferença está que, como mostrei na carta anterior, a amizade fraternal procura camuflar e esconder, visto que o que a embasa, a proximidade, quando em demasia: “[...] oculta as diferenças, não possibilita a pluralidade nos relacionamentos” (LOPONTE, 105).

Portanto, a aproximação, quando demasiada, anula a possibilidade de invenção de si mesmo através do outro e de suas diferenças, visto que o modelo fraternal está assentado no conceito moderno do ser, que assim é definido por Walter Mignolo: “O conceito moderno do ser é secular e, portanto, construído sobre uma negação do outro, que é identificada com o Deus da totalidade cristã” (MIGNOLO, 2003, 245).

A amizade fraternal, visando negar o outro e suas diferenças, que levam ao questionamento e ao desafio da identidade que até então era dada como certa e fechada, entra em conflito quando da criação de uma forma de se relacionar com o outro (amizade) que se dispõe a articular e pensar em um mesmo círculo figuras tidas como contrárias: o amigo e o inimigo, uma vez que, para Derrida: “O que aqui se diz do inimigo não pode ser indiferente ao que se diz do amigo, uma vez que estes dois conceitos se co-determinam” (DERRIDA, 130), ao passo que também se complementam, conforme assinala Friedrich Nietzsche em *Assim falou Zaratustra* (1986):

Se queremos ter um amigo, devemos querer, também, guerrear por ele; e, para guerrear, é preciso *poder* ser inimigo. No amigo, deve-se, ter o melhor inimigo. Deves estar com o coração mais perto dele do que nunca, quando a ele te opões (NIETZSCHE, 1986, 72).

Para o filósofo alemão, o que aproxima os amigos não é o fato de que eles concordam respectivamente um com o outro, continuamente, mas sim quando divergem entre si estabelecendo a distância solicitada pela “boa” amizade. O *inimigo-amigo* é então aquele responsável por instituir a assimetria, o desafio na relação com o amigo, isto é, o estranho, a diferença. Está por trás da figura *inimigo-amigo* mostrar que: “[...] como em tudo o que nos parece natural, familiar, se esconde, ao mesmo tempo, o sinistro, o estranho, o lúgubre” (ORTEGA, 2000, 51), trata-se, portanto, de pensar a amizade (amigo e inimigo) como o estranho familiar, o *unheimlich* de que fala Sigmund Freud em seu ensaio, de 1919, “O estranho” (Das Unheimlich).

Na longa relação de amizade de Fernando Sabino e Clarice Lispector é difícil estabelecer qual dos dois era o “responsável” por instituir a diferença até mesmo porque “papeis definidores” nunca encontraram espaço de vivência entre os amigos. Cabe aos seus leitores, tanto de contos, crônicas e romances quanto os leitores das cartas, acompanhar, na troca de cartas (através da leitura de *Cartas perto do coração*), o desenrolar dessa amizade que na distância aproximou e que na diferença (discordância) criou o espaço do afeto.

© Francine Carla de Salles Cunha Rojas

© Edgar César Nolasco

## Referências bibliográficas

- Ávila, Myriam C. de A. “AMIZADE: o vale quanto pesa da literatura”. *Cadernos de estudos culturais: Silvano Santiago - uma homenagem*. 06.11 (2014): 69 - 76. Impresso.
- Bloch, Arnaldo. *Fernando Sabino: reencontro*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. Impresso.
- Cícero, Marcos T. *Da amizade*. Trad. Gilson Cesar Cardoso de Souza. São Paulo: Martins Fontes, 2001. Impresso.
- Derrida, Jacques. *Políticas da amizade*. 1ª ed. Trad. Fernanda Bernardo. Porto: Campo das letras, 2003. Impresso.
- Júnior, Oswaldo G. Prefácio de Para uma ética da amizade em Friedrich Nietzsche. In: OLIVEIRA, Jelson. *Para uma ética da amizade em Friedrich Nietzsche*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011. Impresso.
- Lispector, Clarice e SABINO, Fernando. *Cartas perto do coração*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2001. Impresso.
- . Lispector, Clarice e SABINO, Fernando. *Cartas perto do coração*. 8ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2011. Impresso.
- Lispector, Clarice. *Correio feminino*. Organização Aparecida Maria Nunes. Rio de Janeiro: Rocco, 2006. Impresso.
- . *Minhas queridas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007. Impresso.
- . *Crônicas para jovens: de amor e amizade*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Rocco, 2010. Impresso.
- Loponte, Luciana Gruppelli.” Amizade em Foucault: ética, estética e educação”. In: Suzana Albornoz; Eunice T. Piazza Gai. (Org.). *Ó meus amigos, não há amigos! Reflexões sobre a amizade*. Santa Cruz do Sul, 2010, v. 1, p. 102-117.
- Mignolo, Walter. “Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política”. *Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade*. 34.01 (2008): 287 – 324. Web. 23 de maio. 2016. Arquivo PDF.
- Montaigne, Michel de. *Sobre a amizade*. Trad. Carolina Selvatici. Rio de Janeiro: Tinta Negra, 2012. Impresso.

- Nascimento, Evando. “A solidariedade dos seres vivos: entrevista com Jacques Derrida”. folha.uol. Web. 15 de junho. 2016.  
<<http://www.rubedo.psc.br/entrevis/solivivo.htm>>.
- . “O estrangeiro, a literatura – A soberania”. *Revista de Letars da UNESP*. 44. 01 (2004): 33 – 45. Web. 18 de junho. 2016. Arquivo PDF.
- Nietzsche, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Trad. Mário da Silva. São Paulo: Círculo do livro, 1986. Impresso.
- Nolasco, Edgar César. “Políticas da crítica biográfica”. *CADERNOS DE ESTUDOS CULTURAIS: crítica biográfica*. v. 4 (2010): 35 – 50. Impresso.
- Ortega, Francisco. *Amizade e estética da existência em Foucault*. Rio de Janeiro: Graal Editora, 1999. Impresso.
- . *Para uma política da amizade: Arendt, Derrida, Foucault*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2000. Impresso.
- . *Genealogias da amizade*. São Paulo: Iluminuras, 2002. Impresso.
- Sabino, Fernando. *O tabuleiro de damas*. Record: Rio de Janeiro, 1988. Impresso.
- . *O encontro marcado*. 90° ed. Rio de Janeiro: Record, 2010. Impresso.
- Souza, Eneida M. de. *Janelas indiscretas: ensaios de crítica biográfica*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. Impresso.
- Vincent-Buffault, Anne. *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVII e XIX*. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. Impresso.